

PARECER COMINV 004/2025

ASSUNTO: Análise relatório Mensurar abril de 2025

1. RELATÓRIO

Trata-se de relatório do mês de abril de 2025 do Comitê de Investimentos correlato a análise do Relatório da Empresa Mensurar sobre as questões da carteira do Instituto de Previdência dos Servidores Públicos Municipais de Paraópeba – IPREVPBA.

Estudada a matéria, passamos a opinar.

2. FUNDAMENTAÇÃO

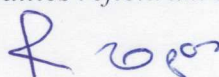
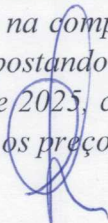
A Empresa Mensurar enviou a este Comitê o relatório referente ao mês de abril do corrente, com destaques aos principais pontos correlatos ao mercado financeiro global e também em relação aos investimentos da carteira do Instituto. Elencamos abaixo os pontos principais:

No Brasil, o mês de abril foi marcado pela continuidade das pressões inflacionárias, com o IPCA subindo 0,43%, levando o acumulado em 12 meses para 5,53%, acima da meta de 4,5%. Ainda assim, as expectativas começaram a ceder: o Boletim Focus indicou leve queda nas projeções para 2025, com a inflação esperada voltando a ficar abaixo de 5,0% nos próximos 12 meses. O ambiente doméstico refletiu sinais mistos: enquanto o varejo, o CAGED e os PMIs mostraram arrefecimento, o IBC-Br surpreendeu positivamente, com alta de 0,8% em março. Nesse contexto, o Banco Central reforçou o discurso de manutenção dos juros elevados até que haja maior convergência da inflação para a meta, mantendo o compromisso com a estabilidade.

A política monetária segue como o principal instrumento de contenção das pressões inflacionárias. O mercado está dividido entre a possibilidade de encerramento do ciclo de alta da Selic em 14,75% ou 15,0%, com a maioria dos agentes esperando a manutenção das taxas no atual patamar. A ata da última reunião do Copom manteve tom cauteloso, sem indicar mudanças claras, reforçando que as decisões futuras dependerão da evolução dos dados econômicos. Apesar do aperto monetário, o ritmo da atividade ainda preocupa, o que pode exigir mais tempo até a convergência dos preços.

Os ativos locais foram impactados pelo cenário externo mais turbulento. A bolsa brasileira, que vinha em trajetória positiva, recuou diante do aumento da aversão ao risco global, provocada pelo avanço da guerra comercial entre Estados Unidos e China. O dólar se valorizou, refletindo o temor de recessão global, mas esse movimento foi parcialmente revertido ao final do mês. No campo internacional, o governo Trump adotou medidas tarifárias mais agressivas, intensificando o conflito comercial. Nos dias 3 e 4 de abril, o índice S&P 500 caiu mais de 10%, e o DXY rompeu os 100 pontos para baixo. A volatilidade cresceu fortemente, com o VIX atingindo o maior nível desde a pandemia, e o índice de confiança do consumidor do Conference Board recuando ao patamar de maio de 2020. A primeira leitura do PIB dos EUA indicou retração de 0,3% no primeiro trimestre, evidenciando os efeitos iniciais da incerteza econômica.

Apesar da trégua parcial anunciada ao fim de abril, as tarifas já aplicadas devem manter as pressões inflacionárias elevadas. Ainda assim, a inflação ao consumidor dos EUA surpreendeu para baixo, chegando a 2,3% na comparação anual, impulsionada pela queda na confiança e no consumo. O mercado segue apostando na manutenção dos juros pelo Fed em junho, mas ainda precifica dois cortes até o fim de 2025, cenário que pode mudar caso os impactos da política tarifária persistam. Ao mesmo tempo, os preços das commodities refletiram a maior instabilidade: o petróleo Brent caiu



16%, enquanto ouro acumulou valorização de 25%. Na China, a escalada do conflito com os EUA gerou uma resposta firme de Pequim, que só encontraria alguma resolução em maio. Ainda assim, o otimismo dos mercados se antecipou a um possível recuo americano. As exportações chinesas cresceram fortemente em março e abril, com empresas antecipando embarques. No entanto, os PMIs mostraram desaceleração, indicando riscos à atividade nos próximos meses. A inflação seguiu em deflação pelo terceiro mês consecutivo, refletindo a fraqueza da demanda interna e sustentando as críticas dos EUA ao modelo chinês orientado às exportações. Na Europa, o crescimento do PIB no primeiro trimestre foi de 0,3%, abaixo das expectativas. A produção industrial de março surpreendeu positivamente, com alta de 2,6% no mês. A inflação anual seguiu estável em 2,2%, permitindo ao BCE cortar os juros em 0,25 ponto percentual e manter o ciclo de estímulo à economia da região.

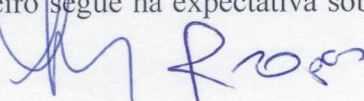
Diante do cenário desafiador de abril, o portfólio do IPREV-PBA apresentou rentabilidade de 1,08%, superando a meta atuarial do período, fixada em 0,86%. Esse resultado contribuiu para aproximar o desempenho da carteira da meta anual acumulada até então, de 4,25%. No acumulado do ano, o Instituto registra rentabilidade de 4,05%, equivalente a 95% da meta estabelecida.

O principal destaque do mês foi o fundo Caixa FII Rio Bravo (CXRI11), que obteve a maior rentabilidade da carteira, com valorização de 3,21%. Em contrapartida, o fundo Orla BRA1 Renda Fixa apresentou o menor desempenho, com ganho de 0,26% no mês. Apesar da elevada volatilidade observada nos mercados em abril, a carteira do Instituto conseguiu superar a meta atuarial, o que evidencia a resiliência da carteira diante da volatilidade dos mercados.

Em termos nominais, o portfólio obteve ganho patrimonial de R\$ 333.532,65 no mês. No acumulado do ano, o rendimento soma R\$ 1.212.365,86, elevando o patrimônio do Instituto para R\$ 30.347.287,89. Por fim, destaca-se que a carteira permanece em conformidade com os limites estabelecidos pela Resolução CMN nº 4.963/2021, bem como com a política de investimentos vigente.

3. CONCLUSÃO

Pelo exposto, observamos que o relatório foi muito bem elucidativo, servindo de parâmetro para lastrear nossa política de investimentos. Numa avaliação sucinta sobre os impactos do cenário econômico nacional e internacional em nosso portfólio, podemos destacar alguns aspectos relevantes extraídos de pesquisas realizadas em análises e estudos de órgãos de monitoramento de mercado. No mercado **Internacional**: Abril foi marcado pela forte reação dos mercados ao pacote de tarifas anunciado pelos Estados Unidos no dia 2 de abril. As medidas – com tarifa base de 10% e sobretaxas mais altas para China, Vietnã, Índia e outros países asiáticos – levaram o S&P 500 a uma de suas maiores quedas históricas. O objetivo é, entre outros, fomentar a reindustrialização americana. Embora o governo Trump tenha recuado parcialmente, congelando as tarifas para os demais países com exceção da China por 90 dias, possivelmente após pressão de grandes corporações e da opinião geral. O risco tarifário permanece no radar, trazendo incertezas para empresas e investidores. Esperamos ver alguma mudança na agressividade das tarifas a partir de negociações paralelas durante o período. A relação entre EUA e China, centro da atual tensão geopolítica, continua delicada. Sem canais formais de diálogo por enquanto, a expectativa é que a disputa se prolongue, afetando cadeias produtivas e projeções de lucro das empresas. As bolsas internacionais refletem essa incerteza. O mercado já sente e precifica a dificuldade das empresas em traçar guidance claros, com revisões de lucro em diversos setores. Ao mesmo tempo, permanecem oportunidades táticas, com destaque para empresas de tecnologia e semicondutores (como TSM e Nvidia). **No Brasil**, Com a desaceleração da atividade global, o mercado brasileiro segue na expectativa sobre qual a magnitude do movimento



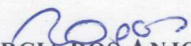
para a decisão da próxima reunião do Copom, no mês que vem. A Selic deve permanecer elevada no curto prazo, mas o mercado precifica cortes mais adiante. Na renda variável, o time da estratégia Itaú Janeiro adota postura neutra em bolsa brasileira, após compressão do prêmio de risco. O cenário permanece sensível às movimentações externas. O Brasil aparece como potencial beneficiado da “nova ordem comercial” que pode surgir a partir das novas tarifas, com posição neutra em termos de negociação tanto com a China como com os Estados Unidos. Setores ligados à exportação, como logística e mineração, podem se beneficiar, caso exista um redirecionamento de “compras”. Diante desse cenário, no mês de janeiro nosso portfólio apresentou alta de 1.08%, acima da meta que foi de 0,86%. Em valores monetários, o Instituto acumulou R\$ 333.532,65 no mês. No acumulado do ano, o rendimento totalizou R\$ 1.212.365,86, elevando o patrimônio para R\$ 30.347.287,89, conforme dado extraído do comentário supramencionado. Continuamos monitorando o mercado buscando sempre as melhores opções visando melhor proteção e ganhos para nossa carteira. Destarte, entendemos que o relatório encaminhado atende aos requisitos formais, tendo em vista que não foram encontradas inconsistências nas análises, desta forma, cumprindo integralmente o seu papel de orientar nas melhores decisões de investimento. Diante disso, este Comitê opina pela aprovação do referido relatório.

É o parecer que segue para apreciação do Conselho Fiscal.

Paraopeba, 30 de maio de 2025,



ANNA PAULA CARDOSO RIBEIRO ARAÚJO



MÁRCIA DOS ANJOS FERREIRA LOPES



JOSÉ MÁRCIO PIRES DE SOUSA

Fides Amor Labor sic itur ad astra